

DEBORAH BRENNAND

O CADEADO NEGRO

RECIFE
1971

“Porque os sonhos têm feito extraviar muitos, e
caíram,
por terem posto neles a sua confiança”.

Ao mundo — que me deu o tempo,
Suas árvores, a gaiola do sol e as colinas,
No jardim selvagem cascatas de nuvens infindas,
Na escuridão do mar rápidos pássaros de luz —
Este bando de fôlhas, êstes sonhos bravios
Que eu lhe devolvo agora, sem temor, de coração
aberto.

NO MESMO SONO.

O mundo, sim, o mundo:

Sempre um vôo incontido, êste pulsar de vento,
Tropeçando às tontas nos ramos bravios da mata.
O mundo? Só romper a cortina da sombra e ver:
Os lírios de nuvens, a rocha do céu, as plumas do
sonho,
O leão da noite, bebendo o azul na grande taça do
mar.

O mundo, sim, o mundo:

A flôr de cobre esmagada, as minas de estrêlas,
Uma foice de lua cortando sombras no vale
E os juízes bêbados julgando a sorte com dados:
Incêndios nas choupanas, rosas de ouro no palácio,
Morte aos peixes, sangrem com punhais o mormaço.

O mundo, sim, o mundo:

A história do eterno, recontada, as uvas pretas,
O lodo enrolando em veludo um coração de pedra,
O monte na espera da cruz, a queda das árvores.
O mundo? E tôdas as páginas, reviradas sem saber,
E os frutos caindo junto às almas, no mesmo sono.

UM CORAÇÃO SEM ALMA

Um lírio nas mãos, um coração sem alma.
Tudo era para ser ou não ser.
Flutuando, eram asas de borboleta a seda verde,
O laço desmanchado na lama dos juncos selvagens.

Um sol negro raiava em seus cabelos desfeitos,
Assustando pássaros, peixes e flôres d'água.
Ó pálida nave deslizando, rachado vidro do lago!
Ó brincos de ouro, jogados no areal das margens!

UM POEMA DE AMOR

Gritem profetas, e o vento entregue aos pássaros,
E os pássaros entreguem às nuvens a mensagem de
que tudo passa.

Amo-te, talvez enquanto morrem as rosas. Sômente
agora

Posso dar, sem mêdo, uma chave de jardins.

Amo-te, confesso, com amor guardado do tempo,
Entre veludos sangrentos, anéis e luas mortas,
Nas correntes do sol ou nos pântanos da noite. Escuta:
Amo-te! Enterro um brasão e brigo com a morte.

Caindo estrêlas, amo-te na tempestade das mágoas,
Ou no agouro negro dos carrilhões. Amo-te há cem
anos,

Queimada de mormaços, nas chuvas de junho,
acordada, sonhando,
Juro que te amo com todo o amor do tempo guardado.

Guarda uma invenção de rosas
Na tarde amarela de abril,
Entre ramos, pássaros e nuvens,
O embaraço do sol estrangeiro.

Guarda o palácio, as águas, a tempestade,
A luta do príncipe e a face de um dia,
Os assaltos da morte, correndo perdida
Nas veredas floridas do abismo.

E, a tudo junto, junta mais os esquecidos
No veludo sangrento daquela valise —
Secreto tesouro, a chave do tempo, escondida
Entre o silêncio do túmulo e as verbenas de fogo.

Tão clara ave, agora nos ramos de pedra,
Pousando o coração entre fôlhas desalmadas!
Um dia, dêste palácio sujo por fumaça de navios,
Onde reis lavam a face em céus de sangue,
Um dia, no tempo, hás de partir.

Partir. Bem longe das rosas de vento,
Dos fios de sol e das colunas ferozes,
Deixando um lodo se queimar no abandono
E as ameias brilharem na raiva do verão.
Um dia soltarás o vôo de cristal na sombra.

Partir. Caçar a ilha de flôres que se arriscam
A vingar uma primavera celeste em ondas rudes.
Partir. Até por sôbre abruptos campos de nuvens.
Arrebetadas no azul por granadas de luz.
Partir, ignorando tudo, partir, partir.

Enquanto eu, adeus, me enterro aqui!

“Por que amarras o coração em seda negra?

A tua face tinge o sol em palidez mortal.
Anda, veste o manto de lírios nacarados
E vamos à festa. No monte, todos já seguem:
Vão sacrificar, entre ladrões, um Homem.

Por que tremem, como ramos de gêlo,
As tuas mãos judias, de seiva ardente?
Fala, eu ordeno! Em que gruta o mal se esconde,
Ou que poço feroz vem te afogar os olhos
Submersos, agora, em véus de lodo estranho?”

Mas ela não responde, ela não responde!
Cerra das janelas os vidros de ouro e sangue,
Arranca do tempo um bastidor de linho branco,
E, ferindo os dedos, com a agulha cega entre flôres,
Borda na escuridão uma real coroa.

Em desespero, o eco pergunta nas colinas:
“Mulher, a quem tu amas? A quem tu amas?”
E o silêncio responde...

Cravos de fogo, nos ramos de vento,
Desfalecendo em caules sob o pêso do levante.
Aqui, de luz, um jardim se queima. Quem entende,
Se as nuvens lembram dos polos as flôres de gêlo?

Que mal faz um pássaro? Não sei, mas a serpente
espreita.

Sim, que fazemos nós e êste bando de fôlhas
selvagens?

No silêncio dos verdes às vêzes o canto é um crime
E, com o ouro do verão, perdemos no jôgo dos sonhos.

Agora, que sei eu? Alguns nomes. Que relembras?
A caligrafia incerta das estrêlas, os montes vazados,
Na coroa negra da solidão as rosas de vitrais
vermelhos,

E, do rei, um pulsar agoniado, ora lento, ora
apressado:

Como o fantasma da vida, assustando o tempo.

Guerreiro deus de pedra,
Na vida, sob os ramos desfolhados!
Em verdes musgos, na realeza do inverno,
Mostras ao tempo um coração inviolado.

Antes, com flôres de luz lembradas,
O verão dourou os teus imóveis cabelos!
Ninho rude de pássaros eventuais
E sonhos perdidos em céu estrangeiro.

Guerreiro deus de pedra!
Olhos sem morte, avêssos de sono.
Vigias reais de sangrentos levantes,
Morto é o culto do amor eterno.

Depois, quando se fecharem as grades,
Ao casual encontro da rocha e do sangue,
Seguirei, levando o pêso da alma,
Enquanto o vento juntará as fôlhas mortas
Em tuas mãos ásperas, ignorantes de adeus.

Alguém contou uma lenda
E era abril na beira de um mar:

— Então, com arames de sol e um cesto de estrêlas,
Ramagens de brisa, painço de ouro e argola verde,
Armou-se em galhos de nuvens a real gaiola,
Para tornar cativo um pássaro que não pouosa.
Até hoje, porém, ninguém fechou a porteira.

Nem os agonizantes de Verona com ajuda de um
punhal,
Nem Catarina entrançando rosas negras na colina,
Nem a doida do rio flutuando sonhos na lama,
Nem aquela de ontem, sem nome, que jogou no azul
Um punhado de lágrimas em grãos de diamantes.

— Mas que ave é esta, que vive só de vôo?
— Oh, não sejas pérfido! Tu bem sabes e eu não
digo!

Alguém contou a verdade
E abril desmaiou na beira de um mar.

Lunática manhã de outubro, acesa,
Quebrando a luz em ramos, tangendo aves
Das árvores que embaraçam ninhos de sombras
No bosque solitário de tantos verdes!

Ó deuses, eu tenho de não ser o meu ser!

Agora, sob acácias de ouro e dalias,
Caminho vacilando entre anjos inimigos,
O sonho de asas rudes, de nuvens claras,
No silêncio do jardim, atordoada,

Dando o meu coração partido a um e a outro.

Aprendi a dar no escuro um laço vermelho
E a rosa da luz a bordar com vôos de pássaros.
Aprendi palavras, mil palavras, mas a minh'alma,
Capaz de entender as fortes brisas de agôsto,
Com palavras a minh'alma não falava...

Então eu vi a inutilidade de perguntar sim ou não:
Pousei depressa a face em teu coração — batia a vida.
Acho que esta foi a razão de tantos acontecimentos:
O jardim florindo, o sarar da chaga, o pasto verde,
A volta do anel de safira ao dedo, e, por que não dizer,

Dizer sem medo?, a coragem de olhar o tempo sem
baixar a vista.

Um dia, se, para fazer mêdo, o Tempo
Retirar dos escombros uma tarde de abril,
E, ressuscitado um canto de fôlhas,
Lembrar aos ramos o número do verão perdido,
Oh, não consintas, não deixes esta maldade
Acordar na luz o sono do antigo,
Arrancar da pedra morta o lodo vivo,
Ir na gaiola do pássaro que não existe.

Por favor, não vaciles!

Na luta real, recebe a flôr da sombra,
O ninho das traças na lenda de um livro,
As nuvens onde tudo e nada se enlaçam,
E vira a face ao lado da brisa conivente,
Para que ela sinta o deserto, só nos areais.
Que se apavore a brisa entre os lírios cegos
E voltando, ligeira, junto ao seu comparsa,
Pergunte, entre os juncais vergados:

— Tempo, era um coração ou uma fortaleza bárbara?

— Não sei, era um jardim sonâmbulo:
Vales de sol, acesos em grande sombra,
Arcos do eterno em nômade varandas,
Adiante, sementes de açafração em rubra guerra.

Senhor, tôdas as janelas do mundo abertas!

Quando? — Ah! o tempo ergueu fronteiras de pedras,
Sujou seus olhos de mármore com ramos de eras,
Deixando as violetas em sigilo inventarem o estio
E uma floração de céus levitar no abismo.

Quando? Não sei. Quem sabe a data infinita?

Antes da brisa, escuta o que eu digo:
 A flôr da cinza nasce em tufos de capim,
 As fôlhas deliram com a fúria dos pássaros.
 Sem pejo, as nuvens mostram uma cicatriz de sol.
 Aranhas negras tecem o véu mortal da rosa
 E o acaso amarra as almas, mas o tempo corta a fita.

Que o sol de janeiro vê o abismo, eu sei.
 Da fôlha do trevo também não ignoro a sorte.
 Dizem as rosas: "O aroma do tempo é mortal".
 E a ferrugem, eu sei, mata o crime do sabre.

Mesmo assim, não vejo razão em guardares
 A chave de tua alma em muros tão altos,
 Onde a caliça trama, com raízes de avencas,
 E até serpentes dormem nos ramos da luz.

Não, eu não entendo a porta verde trancada
 Quando vejo um rio livre na terra selvagem
 Ou o inverno lavar sem cuidado seixos de prata
 E as nuvens desafiarem um bando de aves.

O acaso diz, eu sei, que tenho as mãos frágeis,
 Mas nunca deixei cair nas pedras um coração.
 Embora lustrando com sangue os três anéis de opala,
 Consigo domar a tempo as rédeas sôltas do sonho.

Só, talvez, esta sombra antiga, as árvores,
 A herança do fruto ou o jardim florido,
 Justifiquem guardares a chave da alma inalcançável.
 Entretanto, se o êrro ancestral em mim voltar,

Não adiantam muros tão altos!

A procura e o achado, o réu sem crime, a verdade
culpada,
O sol, a fogueira ardente, a lenha e a morta chama,
O azulão infindo desta liberdade selvagem,
Os anéis de ouro, o talismã, o pomar das laranjas,

Tudo me cansa!

As grades que cruzam o avanço das viagens,
O canto apedrejado nas plumas negras de um pássaro,
Os navios que partem, um barco inglês que chega,
A rosa aberta, a tempestade, o sangue aceso,

Tudo me cansa!

O rio incansável, as barragens de silêncio e areia,
Um falso cais, o crepe das nuvens em pedaços,
A briga da sombra com a luz nos cercados, o vale,
Um adeus e a bandeira do tempo rasgada,

Tudo me cansa!

Aprendizado inútil de tantas guerras!
Púnicas colinas, batalha verde de relvas,
Assaltos, fontes de prata, estrêlas e navios,
Areias gregas, bárbaras carruagens de crimes.

Mas... por que falaram de tudo, menos de certa
guerra?

Traição! Sabiam que eu treinaria o coração,
Que, no jardim impiedoso, com alma espartana,
Não salvaria o frágil vô de uma esperança
E seria capaz até de olhar os sonhos devorados,

Iguais às rosas, morrendo em sangue, tão naturais...

Que não vejas tantos castigos:
Os jasmims feridos na brisa,
Na taça dourada o filtro maligno,
O espanto da neblina sôbre as rosas.

Longe, o escorpião com patas de estrêlas.
Perto, uma noite de rendas negras.
Um destêrro de pássaros no escuro,
Um abandono de pedras, o santuário vazio.

Assalto de névoas, neste verão aceso: inveja!
O coração batendo: ó pesadelo! E o verde?
Queimado atôa por ramos flamejantes,
Cobre-se de sangue nos declives da colina.

E é domingo, feriado de rosas no canteiro,
Adivinhações da luz em mármore de sombras.
E os destinos? São dados negros nas mãos dos deuses,
Um jôgo de almas em deserto jardim. Esquece!

Perdi nos matos a chave, perdi, não sei sair!
Entretanto, correm, livres, quilômetros de campinas.
Ah! neste azulejo de sonhos antigos, tão perto,
Sòzinha, vejo dois pássaros voando. Incrível!

Tanto as enxadas, cortando o capim selvagem,
Plantavam no escuro o sono da alma,
Tanto floriam a tarde e cinco dalias de sangue,
Adiante na solidão do canteiro.

Ai perdição, perdição! De pássaros vermelhos,
Nuvens e anjos, lagartas e demônios!
Feridas no bem, asas pousam, no ramo, um mal,
E tudo é igual: doi, mas tudo é igual!

A fôlha amarga o mel, o sonho foi de outrora.
E agora? Cega os teus olhos claros na luz
Que o tempo arranca, em mantos de ouro e pétalas,
Das frágeis acácias de sol, amarelas.

Que assombra da vida o galopar, é certo!
Mas deixa o animal, esmagando caminhos,
Chegar ao fim: o bosque calado da terra
Onde as lanças não cruzam os escudos de pedras

E tudo é igual, sem dor, tudo é igual!

A luz aberta! É um retiro de pássaros,
Em norte florido de acácias douradas.
Um novêlo de sol, desatando nas ramagens,
Embaraça o tempo no domingo incendiário.

Estranhas coisas sucedem no jôgo da eternidade!

Repara: a rosa bravia venceu a muralha. Absurdo!
Fingir sangue nos jardins do ocaso.
Contrária aos deuses, perdeu-se uma estrêla
Num oásis lavrado entre palmeiras verdes.

Estranhas coisas sucedem no jôgo da eternidade!

E que dizer de nós, plantando sonhos na brisa,
Cegos, à fúria do verão e às juras do azar,
Vendo navios sem viagens hastearem bandeiras
Num soterrado cais de almas? Que dizer, senão:

Estranhas coisas sucedem no jôgo da eternidade?

E o sangue de Cristo abria, em pétalas,
Mil chagas ardentes na roseira.
E aranhas teciam nos espinhos a coroa
Que o sol lustrava com fiapos de luz.

Brincava a relva entre pedras negras
E a alma, com os pássaros, de se esconder.
Gritaram sonhos, tombaram asas, a brisa correu.
O medo assalta ninhos nas mais altas fôlhas.

As boninas tontas, um coração arquejante,
Abelhas ladronas mordendo o rubor das papoulas,
A terra, arena do tempo onde brigam camaleões
Rajados de turqueza, verdes de céu, lilás e fogo.

Tantas coisas, e ninguém se importa de conter
O sangue de Cristo abrindo em pétalas,
Mil chagas ardentes na roseira,
Tantas coisas, tantas nuvens, tantos cegos!

Sòmente a tua alma, agora eu adivinho,
Poder, sem medo, dar um coração já morto,
Entre relâmpagos sem época, longe das feras,
Neste inverno enterrado com sombras de jasmíns.

Exilados do sonho, uma vez, sob ramos eternos,
Olhamos num só dia, lembrás? longe da terra,
— Tu, um bando de nuvens acorrentadas e o vento,
— Eu, o vôo agourento de três pássaros selvagens.

Ah! tudo nos disse que a morte nasceu com a vida,
Que o escuro acende quando a luz é finda. Tantos
avisos!

Mas, que importa a flôr vermelha, nos espinhos,
Florir o tempo sem achar a sua razão de ser?

Sim, fomos pródigos, jogando fora o destino,
Longe das feras, entre relâmpagos sem época,
E com fôlhas, trevos ou lenço de renda verde,
Dando um sinal de partida, a última viagem.

Na muralha das nuvens erguem-se bandeiras:
Azul, azul, morto agora, baleado de estrêlas.
O vento apanhou na colina a lança partida do sol
E o tempo, vencido sem glórias de ouro, arqueja.

Que fazer de tantas almas feridas?

Eu sei que no pomar escuro, camuflado de fôlhas,
Laranjas guardam tesouros em cascas de luz.
Eu sei ainda de muitas coisas, mas não sei dizer
Onde floream os cachos de verdes amanhã.

São mistérios da guerra, da guerra que não finda!

Não adianta cavar a terra para enterrar as vítimas,
Pois existem pássaros vorazes na escuridão,
Batendo asas, numa vigília eterna, rondando sonhos,
Caçando corações para florir desertos,

Desertos canteiros de ninguém.

E a brisa tremendo nas fôlhas verdes
Desmaia, zonza de mormaço, sôbre a terra.
As fontes, enterrando prata nos matos,
Adormecem nas grutas selvagens de avencas.
E no pasto, cinco novilhas malvadas, vagando,
Esmagam, no capim, o sangue amarelo dos cajás.

Tudo se vê! Mas, quem guarda, em álbum de ouro,
As estampas de sonhos que o tempo rasga?

Se eu digo: "Aqui era o pomar", que existe agora?
Uma capoeira, ensangüentada por facões de luz.
Se conto: "Já vi águas pretas bordadas de chuva
Brilharem, de repente, como espelho ensolarado",
acreditas?

Pois bem: junto ao açude um pássaro morreu de sêde;
Era um vôo cego, queimando asas no sol, sem ver o
achado.

Hás de pensar: "São calúnias, calúnias contra o
mundo"!

E do amor, então, nem falo: olha as nuvens que
passam!

Olhos baços de crepuscular segrêdo!
Colares de ouro jogados nas areias.
As nuvens do mês entre pássaros celestes,
A culpa do tempo na morte do arvoredado,
Tudo sem lhe dizer mais nada. Nem a luz clara.
Nem a devoção das angélicas no jardim antigo,
Nem o vago perfume do perfume do prateado
turíbulo,
Nem a procissão do seu rebanho nas campinas,
Nem o frasco vazio do milagroso filtro
Que desencantou do escuro a flôr condenada.

A caça ferida, morre lentamente êste domingo.

No coração da luz a seta negra se crava. Não fales.
Deixa o pássaro de outubro sangrar o vôo dourado
Por entre as pedras fatídicas da colina. Não,
Não espantes, com lamentos, ainda mais a vida.

Era uma vez as nuvens, o amor, as fôlhas da terra.

E o sonho do céu, agoniado com tanto céu, se cala,
Deixando a sombra herdar um jardim de estrêlas
E a lenda sem nexo de um anjo tresloucado
Caindo das alturas, partindo em flôres asas tão negras.

Ó vales cegos! Agora, por onde andas?

O vento é surdo, as árvores ignoram, e os animais
são ferozes.

Os búzios cortam distâncias e arcos tensos vigiam.
Infeliz amanhã sempre escondido, querendo fugir
À ressurreição fatal do seu mortal destino.

Até quando se anda neste claro-escuro de abismos?

Só as tuas mãos, porque são ásperas,
Conseguem domar o mundo selvagem para mim.
Só as tuas mãos colhem o veneno da flôr
Que uso sem medo em meus cabelos tristes.
Só as tuas mãos partem a cêrca do tempo
E deixam o sonho liberto em pastos de violetas.
E porque são rudes, sem assombro do sangue,
Arrancam as pedras que jogam num coração.
Por isso, com certeza, eu louvo santos,
Enquanto as nuvens cruzam o perigoso infinito,
Brincando com a minh'alma de luz e sombra.

Os anjos não se assombram, tudo acontece: AMA.
Com lanternas de ouro ou no escuro sôlto: AMA.
O agouro joga três punhais? Mas, o que é imortal?
Depressa os bredos cegam a terra: depressa, ama,
Ignorando porque serpentes devoram pássaros
E o verão faz silêncio no seu vôo encarnado.

Acorda e sonha: a rosa é uma chaga. É para ser:AMA.

Guardar a alma em tantos véus de sombra? Sovina,
é inútil!

O tempo rasga, trai ordens de paz e mostra o coração.
Portanto, soletra estrêlas, quebra as venezianas de
fogo

E deixa o vento trocar o sul pelo norte, mostrar
avêssos,

Derramando nos capins as falsas lavandas do Éden.

Amar é a herança dos deuses, que podes gastar sem
conta:

Surdo a conselhos, doidamente, sem piedade: AMA.

A flôr é negra e os anjos são medrosos! Foge!
 Uma sorte, partida em luz de espêlho, fere estrêlas.
 Joga nas pedras lodo, trevos de antigas eras: não
 ames.

Em pântanos boiam coroas, juras de ramos, véus de
 areia.

Não ames, escuta como ruge o inverno. Depois, nas
 garras do verão,

O que será de tua alma, assassinada nos muros
 eternos?

Sonha e acorda: a chaga não é a rosa, não deve ser...

Assim, tranca o coração na sombra, e perde a chave
 Nos quintais do abandono ou nas plantações de
 urtigas,

Deixando o tempo espiar, zangado, porque não o
 ligas.

Sente: o mundo poído já se desmancha. Tantas
 nuvens!

Não ames. Os oráculos dizem: "A morte leva a
 bandeira,

Uma paixão apodrece, mesmo entre raízes de
 sândalo".

Não ames. Olha a briga dos deuses e sua herança
 de dívidas.

Ó mal intencionada primavera!
 Cegando as margens com flôres e bredos,
 Nos lajedos verdes ou no pôço da sombra,
 Por onde andarás a minh'alma agreste?

A noite jurou abrir em negros campos de lírios
 E um sangue de pétalas derramou-se nos capins.
 Ai, vento! Não teças duelos de nuvens e fôlhas,
 Martirizando a colina que já entregou seu refém:
 O sol, todo amarrado em cipós de luz.

Ó mal intencionada primavera!
 Um graúna fecha o túmulo roxo das cravinas!
 Nos lajedos verdes ou no pôço da sombra
 Por onde andarás minh'alma agreste?

— Longe de tu mesma, além do coração demente!
 Além dêste bosque noturno onde as novilhas brancas
 Ruminam sonhos sem temer o inferno
 E as estrêlas se enramam, iguais à trepadeira,
 Flamejando, no tempo, mil cachos de ouro.

Ó barco de viagem, peixes, os mais negros peixes,
Amores soltos entre algas e leões marinhos.
Nos mastros devorados, nas âncoras e cordas,
Ramos de coral e pálidas fôlhas de água
Tecem as coroas para os que eram almas.

Soldados, lanças tão afiadas, que fazem agora?
Colhem, em vez de sangue, ondas sem luz.
E os inimigos, quem são? Um rei grego? A estrêla?
A floresta antiga? Os homens de Cristo?
Ou as medusas que olham o coração do nada?

Na colina, a luz selvagem de mil velas,
E no pasto a flôr aziaga de um roxo insolente.
Um bando de nuvens e tantos pássaros negros
Invadem os bosques celestes à procura de ninhos
Que o verão malvado esconde nas ramagens.

Tanto céu perdido...

Tudo é tão longe, tudo é tão longe!
Pois, junto às rosas, abrindo os corações,
Só abelhas, ruivos colibris ou a brisa
Não temem pousar o vôo no sangue das feridas,
Desfalecendo em pétalas na solidão dos canteiros.

Tanto céu perdido...

Mas ali, em lodo cego e juncos verdes,
O punhal de prata se crava. Arma do crime: um rio.
Por onde andarás o sonho, agora? Acaso o viste,
Colhendo púrpura nos jambeiros ou nas ervas
venenosas,

Como um touro alvo e bravo?

Não sei, mas deixa. A sina é assim:
Vaguear nos campos, para depois se perder.

E tudo se perde em uma só viagem...
Sombra que foi a luz que poderia ser.
Chegando ao fim, saber que existe o Além
De túneis cegos, cardos bravios e flôres.

Além de matas e charcos, Além do verde,
Além de poços do céu e gás azul de vagas.
Além do leste, rosas de ouro candentes,
Enfim, Além de rios, sol de cobre e ramos de fogo.

Além do enfim estação tão próxima,
Onde o tempo acende o letreiro negro da solidão
E um pássaro branco, sòzinho, risca o arco de um
vôo,
Asfixiando sonhos nas mais revoltas nuvens.

Hora de julho, quando julguei a estrêla,
Morta sob a lenda de tantas nuvens
E senti que pancadas muito brutas, talvez um êrro,
De sinos antigos tangiam pássaros
Para um sítio selvagem, longe do coração.
E daí o arco do mar, partido em margens,
A chuva de vidro vindo das eras dormentes
Onde pedras guardaram águias nunca vistas
E um deserto claro, por ordem estranha,
Estendeu-se do areal, com sono, ao último céu,
Pouso de uma lua já quebrada em sombras.
Então, tarde, eu compreendi o teu amor! Ah!
Jamais responderia à pergunta do eterno:
Três letras, riscadas a punhal na alma. JAMAIS...
Por isso, deixei fugir a brisa para os êrmos:
Que fugisse a brisa sem escutar o que eu disse...

No dorso do verão a letra de ouro
 Ferra em nuvens o sonho do escuro: Claridade!
 Que te assusta, então? O levante das folhagens?
 Fugiram pássaros, já sei. Ignoro destinos. Sigo,
 Deixando um canteiro de rosas ao acaso... Guarda!

Ó, não venhas, peço-te, é um eterno navegar!
 Paúis de brumas, artes do inferno, ramos
 encarnados...

Não! Volta e deixa o barco cigano em liberdade
 Esquecer jardins, promessas e limites de margens,
 Mas trata do canteiro de rosas que deixei ao acaso.

São duas colinas bravias
 Esmagando um bosque selvagem.
 São duas mãos criminosas
 Ferindo o verde de balas.

E no centro, em profundezas do vale,
 Com a flôr de chumbo aberta em plumas,
 Canta no coração negro da pedra
 Um pássaro tonto, ensangüentado:

— Onde está o céu? Onde está?
 Por que esta pancada em meu vôo,
 Despedaçado agora em sombras rudes,
 Se nem conheço um lírio de verão?

Bem longe, nas fôlhas da luz,
 Um bando de nuvens abrindo longas asas
 Tece rosas de prata completamente surdas
 Na coroa bárbara dos ramos de sol.

Ele sabia que o azul era de lâminas
E que o sol acendia em ramos um inferno.
Então, pousou o vôo no degrau da varanda
Para nascer uma cachoeira rubra de plumas,

Sendo êle um pássaro branco e não uma fonte!

Ele sabia, não se enganava,
Que fingiam dormir, entre nuvens de flôres,
Olhos abertos, pêlos de veludo, garras de ouro,
Mas deixou o coração rolar no assalto do felino,

Sendo ainda vivo, e não um fruto pôdre!

Ora sangrando ervas, ora tonteando pedras,
Ou agarrando as asas partidas do vento,
Ele sabia que só depois de mil arquejos
O gato selvagem comeria o sonho morto

E aceitou, sem mêdo, o seu destino...

Que brotem rosas, ou corram arcos de vento,
Que chegue ao cais o negro barco da noite,
E, logo após, partam no azul mil setas de luz,
Tangendo para longe a invasão das nuvens.

Ó desconhecidos, não falem jamais do amor!
Que se arrebente a terra, ou se ordene atôa,
Em lagos, planícies de sonho, infernos de pedras,
Ou morram pássaros na grama e cante o agouro.
Para que mentir, cercar de punhais a alma?

Ó desconhecidos! Não falem jamais do amor...

Que se percam os ramos num espinheiro de estrêlas
E o capim sangue nas mãos de um verão feroz,
Espantando, para os longes, calmos rebanhos!
Não escutem a lenda, a lenda de um país estranho!

Ó desconhecidos! Não falem jamais do amor...

Mesmo que se morra e nasçam fôlhas adiante,
Carece de importância, pois tudo se reúne na
desordem:
O coração do sol, a brisa encandeada, o jardim das
feras,
Os frutos venenosos e o canteiro de ervas milagrosas.

Ó desconhecidos! O tempo escuta: não falem jamais
do amor...

Oh, eu perdi a chave, não duvides!,
 Desta mala enferrujada de verões antigos.
 Não raches a madeira, não quebres a fechadura
 Com êste feroz machado de prata, mas deixa-a intacta.
 Eu te direi os sonhos e tudo o que nela existe:

— Uma varanda em ruínas, dois incêndios de sol,
 As almas decepadas de três cravos sangrentos,
 Um pássaro mudo na branca história da renda,
 Aquêlê lenço, a sombra da letra, a nódoa do tempo,
 E, num estojo de céu, o bracelete de estrêlas.

Oh, não duvides, não duvides! Espera, existe ainda
 Um ramo de outroras, uma cesta de brisas,
 A neblina, certo domingo, as flôres de um sítio,
 E, bem escondidos, bem escolhidos, pedaços rubros,
de vidro
 Que, eu juro, acredita! não sei quando se partiu.

Neste setembro lavrado em nuvens barrocas,
 Que conta a história da borboleta azul,
 Que se deixa ferir por ervas brutas,
 Abrindo corolas em sono de escorpiões,
 Que guarda beijos de serpentes nos ramos
 E lava em ouro frutos de sangue?

Por que absurdo caçar um deus perdido?

Devassando pomares, túmulos de sombras,
 Punhais de sol cortaram franjas de brisas
 Desfalecidas agora na colina selvagem
 Onde árvores tramam florestas de assaltos.
 Ó pássaros do verão jogando vôos no abismo!
 Por que mostrar o céu a quem não é ave?
 Por que mostrar o céu a quem não é anjo?

Que fazer agora, entre leirões de cidreiras?

Apanhar a morte do pássaro que arriscou o medo?
Cavar em nuvens a raiz da alma?
Ou ver o sol apedrejado derramar nas fôlhas
Um rio ardente de sangue dourado?

Que fazer agora, entre leirões de cidreiras?

Alisar o pêlo negro da terra para domar a fera?
Ouvir, em silêncio, os gritos do vento
Batendo às cegas nos caules do pomar?
Ou achar a face criminosa do tempo e não denunciar?

Que fazer agora, entre leirões de cidreiras?

Sim, que fazer, mil vêzes, que fazer,
Nesta cadeia de ramos perfumados,
Entre flôres roxas de malvadas cidreiras,
Sem desejar o céu, cativa de ramos, sem nada querer?

Estamos brigando, Tempo, feiticeiro maldito!
Jamais eu confiei, é certo, mas não julgava assim:
Que, tão breve, as tuas mãos selvagens devolvessem
Ao meu peito a medalha, o sol fanado e sem brilho.

Ao atá-la, quase me sufocam cordas antigas.
Mas eu não disse: deixei o coração queimar na
sombra.

Ah! não tivesse eu a certeza de que não foi êrro
Aquêle que os deuses escolheram para eu amar,
Talvez até morresse quando as tuas mãos selvagens
Devolveram uma medalha de ouro em meu peito,
O sol fanado e sem brilho,
Em outubro, iluminado de papoulas vermelhas.

As fontes da noite, o veneno da raiz,
Um grito roxo de dalias apavorando o jardim,
A brisa sôlta, com suas crinas de vidro,
Tudo isso, até julho e a lua morta nos capins,
Eu aceito, mas recuso a carta aberta da vida
Com letras de ouro maldizendo o sonho.

A flôr que eu teço é rubra, vive sem vida.

Aceito que não me ames, a eternidade foi ontem,
Nos ramos onde pousaram leves vôos de andorinhas.
Ruínas? Já vi a pedra nobre, no areal deserto,
E um sol exilar a última flôr do cardo. Não temo.
Deixo o ponteiro do tempo vacilar na balança
Entre a minh'alma de ferro e a tua sombra frágil.

A flôr que eu teço é rubra, vive sem vida.

Falar no pânico das flôres desenganadas.
Sabem os pássaros como deliro, às vêzes,
Entre pavões de ouro e as fôlhas iluminadas,
Vôos cativos, nos limites de um jardim.

Mas, de verdade ou sonhando, sob o testemunho
De árvores floridas, sem traição, eu juro
— Agora, quando se parte o sol nas lajes —
Que, por ti, serei capaz de rásgar o negro chale,

Abafando no escuro a medalha de sangue.

Lá, onde eu bordava ramos na sombra,
Cega até a linha rubra do infinito,
Três pássaros cantaram de uma só vez.

Ó presságio! Tumulto de nuvens, sêda rasgada.
Por que asas rudes ferem o musgo
E teme os gritos do tempo um coração?

Lá, onde não existe ou ninguém foi,
Eu estava colhendo sonhos nas verbenas,
Quando o mêdo alterou a face do verão.

Sem razão nem brisa, a terra estremeceu...
Uma cêrca de rosas ferozes prendeu a vida:
Ei-la vencida, amarrada de espinhos negros.

Lá, onde eu bordava ramos na sombra,
Onde não existe, ou ninguém foi, eu estava,
Cega até à luz do infinito.

Mas, só, agora eu vejo.

Verdade: os pássaros fogem! Mas o signo mente!
Foi certo aquêlo inverno de rosas? Estremece agora:
O sol é uma revolta. As fôlhas, vôos amarelos.
E a liberdade? Quem abriu o portão selvagem,
Jardim fechado de nuvens negras? Esconde a chave!
Deixa, na colina, se perder a estrêla!

Embora sangrando, que teçam os dedos
Uma corrente em fios brutos de ouro.
Quero tornar prisioneiros, entre ramos e fôlhas,
Um bando de sonhos e muitos cravos roxos.

Sem flôres, sempre existe um morto,
E quem poderá guardar uma coroa de amanhã?

As nuvens colhem, do azul, uma rosa de fogo,
O pássaro se espanta e a noite voa.
Das mãos do tempo solta-se o vento na campina:
Coitado, mesmo feroz, vai se perder, também se
perder . . .

Sem flôres, sempre existe um morto,
E quem poderá guardar uma coroa de amanhã?

Motim sangrento de tinhorões na sombra: o dia!
Que faz o tempo? Insulta violetas, tange pássaros,
Mancha o espelho dourado com nuvens sangrentas
E confia o jôgo frágil do sonho aos nossos dedos.
Que louco!

Com tantos desvarios à prova — um vento raivoso —
Por que obedecer às ordens de um coração de areia?
Não sei. Um caminho de pedras devia fazer mêdo.
Mas, o que me leva adiante? Amo-te? Não sei!

Agora, quando as fôlhas esquecem o estio
E as águas boiam, mortas, entre os juncais,
Deixo gritar bem alto um coração terrível,
Porque, felizmente, perto não existem almas.

Só feras, pássaros e sombras, para escutarem
Que eu te amo contra a luz, os ramos e o eterno,
Contra o número, as correntes e portas de ferro,
Surda aos avisos caridosos do Zodíaco.

Amo-te quando as fôlhas esquecem o estio.

Sem cravos, mais, para ofertar aos deuses,
Alheia trama dos jardins floridos,
Ou rasgando a sentença do livro sábio, em frente,
Em frente à escadaria verde do tempo.

Amo-te sem temer as pragas do real ao sonho.
Bem alto deixarei gritar um coração terrível,
Para os ecos que tudo dizem: que eu te amo,
Agora, quando as fôlhas esquecem o estio
E as águas boiam, mortas, entre os juncais.

Neste jôgo, eu lanço a minh'alma,
Neste jôgo, eu perco a minha vida.

Mesmo assim, o agrião verde floresce na horta,
As avencas chovem nas grutas de pedras,
E, porque o tempo quer, os pássaros do verão
retornam,
E as mangas caem, vermelhas, sôbre a terra.

Neste jôgo, eu lanço a minh'alma,
Neste jôgo, eu perco a minha vida.

Na luz do sol, uma papoula de ouro aberta,
Os bambus entrançados na maldade das cêrcas,
A briga dos caminhos, a ida sem volta, uma porteira,
O mato crescendo, as correntes e o cadeado negro.

Neste jôgo, eu lanço a minh'alma,
Neste jôgo, eu perco tôda a minha vida.

Além das nuvens, uma só estrêla
 Ordena, em árvores, coroas de ramos verdes
 E raízes de ouro, ligeiro, bebem a sombra:
 Da seiva do tempo nasce o fruto real.

Amor.

Até nos espinhos, nas fôlhas do deserto,
 Porta azul da brisa, pasto de milagres,
 Amor, a chuva livre nos jardins queimados,
 A rosa florindo nas profundezas da alma.

Além das nuvens, uma só estrêla
 Vence pedras e montes, corta fronteiras,
 Joga prata no ar, apaga o fogo e queima o gêlo,
 Arma o sonho com dois grãos de areia.

Amor.

A mensagem, os ecos repetem sem mêdo,
 Gritam além dos infinitos selvagens,
 E os pássaros cantam, junto à cadeia:
 O coração do mundo é bruto, mas foi salvo.

Para Germana Suassuna

Na floresta brava do tempo, nas árvores,
 Esconde-se, em rochas virgens do olhar humano,
 Uma gruta perdida, onde dormem loucos sonhos,
 Entre fôlhas escuras de amargor selvagem.

As sombras vencem e a luz é coisa vã.
 Raios dourados não se atrevem a penetrá-la,
 Medrosos da fera eterna que ali guarda
 Leão cruel, de negro pêlo e afiados dentes.

Noite e dia, leva um rio, bem por perto,
 Suas águas frias, de lodo pardo e dormente,
 E a unidade estranha gera em suas margens
 A vida sombria de estioladas flôres.

Como a erva cobre de um manto verde a terra,
 O sono esconde mistérios do visível acordar
 E, sendo em mim, só por ciladas adivinho
 O pântano negrejante e a perdição dêste lugar.

Eu abrirei a caixa de ouro aos teus pés.
Longe de mim o medo, bem longe de mim,
Pois tudo isto são coisas que me deste: o fogo aceso,
O tempo limitado, verões de pássaros, sonho de
inverno.

Devolvo intacto o bosque das nuvens,
No lenço negro, um cordão reluzente de estrêlas.
Um açude com matames de juncos verdes, todos os
presentes:
O caminho aberto, a brisa e o mar de novembro!

Sim, de tudo eu cuidei, pensava no encontro!
Não deixando um jardim se perder, colhi, antes do
sol,

Uma safra iluminada de rosas ardentes.
Mas houve um erro: guardei a sombra no coração!

Por isso, perdoa-me. Só êle está escuro, só êle!

Naquele antigo, que lhe importavam asas
Rubras, verde de árvores ou azuis?
Viesse um anjo da terra bárbara, de onde viesse,
Deixou que o desígnio de sua mão a tocasse
Com aquêle anel de ferro brasonado
E, com bálsamo de capins, ervas do sonho já sonhado,
Deixou que êle sarasse a chaga que sangrava.

Naquele antigo, chovia lodo nos muros do jardim,
Morriam pássaros ao lado de um coração,
As fôlhas caíam, o tempo era sem luz, o rio calado.
Diz, alma: com tanto medo, tu não farias o mesmo?

E a noite, com a farsa de nuvens em bosques andejos,
Acende asas de prata nas ramagens de estrêlas,
Bando sem canto de pássaros em fogo.

Depois, sim, o escuro alisa com os seus dedos tristes
Os flancos, antes verdes e sedosos, da montanha.
Ai noturna paixão! O mundo é sombra que cega,
Calabouço de terra, mares e florestas.

E o sol, que dizem iluminar, é traição indomável
De um louco incendiário de amanhã, verdugo eterno,
A quem o tempo-rei confia os seus punhais de ouro.

Para Ariano Suassuna

Quando a serpente de ouro agonizar nas pedras
E o cardo do tempo agreste, longe, muito longe,
Florir para ninguém o seu único coração,
Guarda o punhal e deixa no escuro a cruz de estrêlas
Santificar os brutos carrascos da noite.

Escuta o silêncio bicado por uma garça selvagem
Ou o vento que se arranha nos espinhos do sonho.
Escuta tudo, até o sino ordenar um sangrento levante
E a profecia cigana ler o destino do verão.

Então, não lamentes o amanhã. Ajaeza o teu cavalo e
segue
Entre o cheiro das juremas, nos ramos da terra clara.
Nos rios mortos, apanha o teu brasão, as três medalhas.
O gavião da luz devora um vôo de sombras frágeis.
Segue e rasga o lenço vermelho: está acesa a batalha!

Malefício: o anel roxo todo partido...
E a mão do tempo estendida nos capins
Deixa os pássaros embaraçarem vôos na pedra
E a brisa cantar enredos falsos da vida.

Contar o mistério de um fruto santo mordido,
De visões mouriscas florindo palmeiras mortas,
De gritos proféticos nas altas pedras do sono,
Do eco assombrado nas furnas do tigre real.

Malefício: o anel roxo todo partido...
E a mão do tempo, estremecendo nos capins,
Tange pássaros, esmaga a brisa e se abate
Até sôbre os frágeis roseirais de amanhã.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

Universidade Federal de Pernambuco

(Anteriormente publicada sob o nome:
Estudos Universitários. Revista de Cultura

da Universidade | do | Recife)

Editada, trimestralmente, pelo Departamento de Extensão
Cultural da Universidade Federal de Pernambuco
Impressa nas Oficinas Gráficas da Imprensa Universitária
Capa de Wilton de Souza

Número avulso: Cr\$ 1,50; atrasado: Cr\$ 2,00

Assinatura anual (quatro números): Cr\$ 4,00

Estrangeiro: número avulso: US\$ 1.00;

atrasado US\$ 2.00

assinatura anual US\$ 6.00

ENDERÊÇO: Rua Moraes Rêgo — Cidade Universitária

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Est-s univ-s R. Cult. Univ. Fed. Pe., Recife, 11 (1): p. $\frac{1-106}{1-68}$ Jan.-Mar. 1971